Globethics Repository



Crítica bioética a um nascimento anunciado [Bioethical critique of a foretold birth]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Garrafa, Volnei
Publisher	Universidad Militar Nueva Granada
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-10 15:59:33
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214952

CRÍTICA BIOÉTICA A UM NASCIMENTO ANUNCIADO

Volnei Garrafa
Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, Brasília (Brasil)

Resumen

Poucas notícias causaram tanto alvoroço na mídia internacional quanto o nascimento da ovelha Dolly, divulgado pelo jornal norte-americano The New York Times de 23 de fevereiro de 1997, antecipando-se ao artigo publicado pelo pesquisador escocês Ian Wilmuth e pela sua equipe na revista britânica Nature (27/02/97). Parte da surpresa ficou por conta do grande público, pois se tratava de um fato previsto, de um nascimento amplamente anunciado, pelo menos para aqueles que lêem ou lidam com ciência. O artigo siguente examinara a novedade do referida acontecimento.

Palabras clave: Clonasao, responsabilidade, Bioética, diversidade.

Uma coincidência a ser analisada inicialmente é que a clonagem animal veio através da ovelha, símbolo da redenção humana no imaginário cristão. Inúmeras vezes Jesus Cristo se refere ao "rebanho" nos seus evangelhos. A "anunciação" de um novo tempo, portanto, se deu através de Dolly, produzida operacionalmente desde julho de 1996 nos laboratórios da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Esse fato gerou reações contraditórias que foram desde o enaltecimento da ciência até sua completa rejeição. Repentinamente a clonagem ficou polarizada entre manifestações de endeusamento ou de demonização.

1. O mito da imortalidade

Adão foi instigado por Eva -- clonada pelo Criador, a partir de células de uma costela do primeiro -- a comer o fruto da árvore da sabedoria, aquela que se referia ao "bem" e ao "mal". Repentinamente Adão descobre-se um ser nu, frágil, precário. E Deus expulsa-o do paraíso, antes de ele provar o fruto da segunda árvore, a da vida, que lhe daria a imortalidade.

Desde então, Adão e seus descendentes perseguem o mito da imortalidade, tentando contornar a precariedade da existência humana. As tentativas vêm desde a antigüidade, passando por René Descartes, que em 1630 já perseguia o sonho da medicina infalível, até o limiar do século XXI, através de projetos extraordinários, como o desejo de o homem alcançar Marte e outras paragens do sistema planetário, à procura de novidades e melhorias.

O pesquisador francês Lucien Sfez por meio do livro "A saúde perfeita – crítica de uma nova utopia", registrou o fim da retórica pós-moderna. Essa boa notícia, entretanto, foi apagada pelo alvorecer de uma ideologia ainda mais temível e já consistente neste final de milênio. Utilizando três projetos científicos em desenvolvimento avançado no mundo contemporâneo -- Genoma Humano, Biosfera II e Artificial Life – Sfez abordou a questão do "corpo virtual": não se trata de uma mera reconstrução anatômica abstrata, que existe e não existe; é mais rica, mais informal, mais perfeita que nosso pobre corpo que oculta suas misérias, sem ser puro espírito mas um corpo-conceito mais elevado, mais 'limpo', mais complexo que o corpo-carne. "Que pensar desse objeto, senão que é da alçada da **utopia** e da **ideologia** ao mesmo tempo?", questiona.

Ele refere-se à **utopia**, pois as metáforas estão presentes em todo seu pensamento de forma imperiosa, racional: "sondar rins e corações, que era atributo de Deus, não basta, pois os tecnocientistas necessitam de um corpo inteiro", calculado, "que tende a substituir moralmente nossa pobre e imperfeita realidade pela razão todo-poderosa". E essa razão não pode atingir a perfeição senão através das mãos dos sábios. Menciona a **ideologia**, pois seria inimaginável toda essa reconstrução acontecer sem a força determinante e infatigável de uma base conceitual de sustentação poderosa: a da tecnociência. Sua radicalidade crítica, unilateral e arrasadora, alertam positivamente sobre instigadores desafios do terceiro milênio, tendo o efeito, também, de reabilitar o papel (ou a necessidade) das ideologias e utopias pelas quais grande parte das pessoas não nutre hoje muito entusiasmo.

Para Sfez, existe o perigo real de a técnica vir a dominar o mundo, a sociedade, a natureza, sem mediação científica nem conflitos sociais. Tomando o viés tecnocientífico como instrumento de apoio, destrói o pesquisador norte-americano Francis Fukuyama e sua teoria do "fim da história". **As mudanças genéticas possíveis** -- vegetais, animais e humanas -- **alteraram o curso da história**. **Esta, que tinha uma**

narrativa longa, foi substituída por pequenas narrativas fragmentadas. A engenharia genética trouxe-nos uma nova história.

Trata-se, assim, de superar o esgotamento dos mitos, o envelhecimento irreversível do mundo e das pessoas e de voltar ao essencial, à substância de nossa vida. Contra o fracasso da história e a precariedade da vida, somente a ideologia pode recriar a imagem do eterno retorno e da eterna permanência, em protesto contra a fragilidade de nossa condição social e humana.

2. A moralidade da clonagem

O filósofo Hans Jonas foi um dos primeiros pensadores a detectar a caducidade dos termos em que tradicionalmente se exprimiam os questionamentos dirigidos pela ética ao progresso tecnocientífico: "Continuamos a discutir a técnica do ponto de vista da verdade antropológica, quer no sentido de ela realizar o verdadeiro sentido do humano, quer, opostamente, no sentido de ela constituir a própria negação do ser humano ou da natureza". Ora, a técnica não pode ser nem eticamente submissa, nem histericamente dominadora.

Nessa discussão, podem ser indicados dois caminhos de análise: um tecnocientífico e outro bioético. Como não sou especialista em genética, prefiro ater-me a uma reflexão epistemológica. Parece-me que nesse campo tão complexo, a questão de fundo a ser discutida é "a moralidade da clonagem". É moral clonar seres humanos? Se usarmos exclusivamente a emoção, nossa resposta imediata será "não". Se, por outro lado, o argumento for racional, seremos obrigados a interpretar duas identidades para o novo ser: uma genética (biológica) e outra pessoal (antropológica).

O clone pode perfeitamente ser idêntico do ponto de vista biológico mas será sempre diferente do ponto de vista pessoal. Ao clonar as características genéticas, clona-se a biologia de um indivíduo, não sua personalidade. Apesar de algumas poucas constatações de semelhanças de personalidade registradas em gêmeos univitelinos, uma mesma identidade genérica/genética é acompanhada de diferente identidade específica ("Eu sou eu e minhas circunstâncias" -- José Ortega y Gasset (filósofo espanhol). Confundir identidade biológica com identidade pessoal é um abuso lógico, trata-se de mero reducionismo biológico que confunde identidade com especificidade.

Essa argumentação não pretende defender a moralidade da clonagem em seres humanos, mas, ao contrário, criticar a intolerância dos argumentos e das respostas, além da pobreza filosófica constatada nas discussões que em geral têm acontecido no Brasil -- e no mundo -- sobre o tema. Pelo contrário, tenho defendido há algum tempo que temas como os limites da manipulação da ciência requerem, além de uma profunda dose de tolerância, sobretudo prudência e senso de responsabilidade. Em artigo publicado no jornal francês Libération, o filósofo francês Jean Baudrillard considerou "o clone, um crime perfeito (...). O conflito entre o original e sua cópia não está perto de terminar, nem aquele entre o real e o virtual".

3. Entendendo melhor a clonagem humana

Institutos de pesquisa de diversos países já vêm trabalhando há vários anos com a clonagem de espécies vegetais, sem grandes perturbações à ordem das coisas no seio da sociedade mundial. Já o nascimento de Dolly, assim como a intenção do médico italiano Severino Antinori de proceder a clonagem humana até novembro de 2001- prazo aliás já expirado- causaram reações que variaram do fascínio de algumas pessoas, à perplexidade e ao medo da maioria. O cientista norte-americano Richard Seed já havia feito a mesma ameaça de Antinori há quatro anos atrás, não conseguindo concretizar, também, sua pretendida obra. O tema da **clonagem**, portanto, vem fazendo parte obrigatória da pauta científica e jornalística mundial dos últimos anos. Além de um notório açodamento da parte de alguns cientistas mais preocupados com promoção pessoal, existe também uma imprensa ávida por notícias sensacionalistas para que seus veículos sejam mais vendidos. Tudo isso gerou naturais preocupações por todo mundo e algumas distorções que necessitam ser melhor entendidas.

Uma dúvida a ser equacionada com relação ao assunto é aquela que diz respeito à diferença entre o que se denomina de "clonagem reprodutiva" e "clonagem terapêutica". A "clonagem reprodutiva" se refere à duplicação direta de representantes de uma mesma espécie, sejam vegetais, animais ou humanos. A outra situação acima, por sua vez, significa a possibilidade da ciência vir a construir, por exemplo, um novo fígado imunologicamente compatível para um doente necessitado de transplante a partir de uma célula "tronco" (indiferenciada) dele próprio ou proveniente de placenta, cordão umbilical ou mesmo de embriões. Da mesma forma, a esperança de controle para doenças como as síndromes

de Parkinson ou Alzheimer, ou ainda o diabetes, repousam em grande parte nas possibilidades do desenvolvimento futuro da chamada "clonagem terapêutica".

Para uma melhor compreensão e entendimento de toda questão, é indispensável fazer inicialmente uma separação entre o que significa moralmente a clonagem vegetal (a qual sendo corretamente conduzida, acarreta menos questionamentos), a animal e a humana. A clonagem animal, mantidos os parâmetros éticos requeridos, permite que as investigações avancem sem perigo direto para a espécie humana e para a própria biodiversidade. Dolly foi a conseqüência exitosa de 277 tentativas anteriores aberrantes, apesar de uma grande quantidade de dúvidas ainda persistirem com relação a diversos aspectos técnicos; para exemplificar, sua idade é até hoje discutida, parecendo ter incorporado os sete anos de vida da ovelha doadora da célula mamária original. O domínio dessa técnica ou variações da mesma adaptadas à espécie humana no sentido terapêutico, como já foi dito, poderá trazer benefícios extraordinários para diversos problemas de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de nossa vida.

A chamada "clonagem reprodutiva humana", por sua vez, não encontra nenhum amparo ético ou moral para sua realização. Além de pessoalmente não acreditar que nenhum cientista ou empresa esteja hoje capacitado a dominar com absoluta segurança todas as variáveis envolvidas na sua complexa execução, existe a questão da **diversidade humana**, um dos nossos mais valiosos patrimônios naturais. A maioria dos casos de casais que não conseguem ter filhos já pode hoje ser resolvida com a ajuda de técnicas de fecundação assistida, cada dia mais aprimoradas. A duplicação vulgar de milionários excêntricos que desejam perpetuar-se, ou de super atletas que venham tirar o brilho da competitividade olímpica ou, ainda, simplesmente de espécimes femininos ou masculinos com invulgar beleza para fins estéticos ou mesmo de apetite sexual, não pode e não deve ser aceita.

4. A responsabilidade futura

Nos dias atuais o homo sapiens se transforma em homo faber. Frente ao poder e à velocidade do processo científico e tecnológico que nos atropela todos os dias, é indispensável substituir as antigas éticas da contemporaneidade ou da imediatez por uma nova ética da prospectiva ou da responsabilidade futura.

Em busca da ética na era da técnica, Hans Jonas apresentou, entre outras, as seguintes proposições: 1) Toda ação deve se transformar em lei universal; 2) Todo semelhante deve ser tratado como um fim em si e não como um meio; 3) Os efeitos da ação devem ser compatíveis com a permanência da vida humana genuína; 4) Nenhuma condição de continuação indefinida da humanidade na Terra deve ser comprometida. Em resumo, "uma vez que é nada menos que a própria natureza que está em causa, a prudência se torna -- por si só -- nosso primeiro dever ético".

Em outras palavras, aquilo que devemos "evitar" a todo custo deve ser determinado por aquilo que devemos "preservar" a qualquer preço. Um aspecto essencial no debate sobre a moralidade da clonagem em humanos se refere à vulnerabilidade que se criará a partir do fato de todos indivíduos passarem a ser biologicamente iguais, já que uma das maiores riquezas da raça humana está exatamente na sua variedade genética, na sua diversidade. Uma filosofia da natureza deverá articular o que "é" cientificamente válido como 'deve" das injunções morais. Entre os grandes problemas práticos da bioética, está a dificuldade em trabalhar a relação entre a certeza e a dúvida.

Apesar de alguns críticos radicais considerarem grande parte dos avanços da ciência como "perigosos", é impossível imaginar a atual estrutura societária (ou biológica) como eterna e imutável. É compromisso da ciência, pois, preparar o futuro, antecipando-se a ele por meio de descobertas que venham trazer benefícios à espécie humana. A mutabilidade da sociedade e do mundo é uma certeza; a dúvida reside em estabelecer o limite concreto até onde os avanços da ciência devam se verificar.

Mais uma vez, parece-me claro, o caminho está no equilíbrio, na busca de soluções moralmente aceitáveis e praticamente úteis. Para isso, é indispensável que as novidades sejam analisadas caso a caso, em cada contexto social, com responsabilidade e bom senso, respeitando-se certos valores societários e o pluralismo moral que, queiramos ou não, é marca registrada dos dias atuais. Neste sentido, alguns valores nos quais a humanidade e a ciência vêm se pautando nos últimos tempos, deverão ser transformados. Seria preferível que a **responsabilidade ética** fosse tatuada indelevelmente na equação que determina a liberdade científica; e que a tecnocracia e a mercantilização desenfreada, que submetem a sociedade às suas leis insensíveis, se transformassem exclusivamente em tecnologia saudável a serviço da humanidade . Em outras palavras, trata-se de estimular o desenvolvimento da ciência dentro das suas fronteiras

humanas, e, ao mesmo tempo, de desestimulá-la quando passa a avançar na direção de limites desumanos e possivelmente iatrogênicos.

Trata-se, assim, não de fazer tudo aquilo que **possa ser feito** mas, ao contrário, de fazer aquelas coisas que **devam ser feitas**. Hoje, diversos países detém a tecnologia para construção da bomba atômica mas nem porisso, depois da dolorosa lição de Hiroshima e Nagasaki, se imagina a possibilidade dela ser acionada, além de que a descoberta da energia atômica e sua utilização pacífica trouxe inúmeros benefícios. Resumindo, defendo o discurso da **liberdade** para a criação no campo científico, com **controle** sobre suas aplicações práticas, sobre a tecnologia.

É importante que se entenda que a clonagem é uma técnica. Sendo técnica, seu uso tem indicações e contras indicações. É necessário, assim, que se quebre o mito, o medo contra a palavra.

Dentro desta linha de pensamento, portanto, não é moralmente condenável o fato de cientistas trabalharem com segurança sobre variedades vegetais, animais e mesmo em seres humanos (clonagem terapêutica) por meio de clonagem ou de outras técnicas na busca de benefícios futuros para a humanidade. O grande nó da questão não está na utilização das técnicas de clonagem em si, mas no seu **controle** . E este controle deve se dar em um patamar diferenciado dos planos científico e tecnológico : **O CONTROLE É ÉTICO !**

Assim, resta-nos dirigir nosso "fazer", mais uma vez, com prudência e tolerância, entre os apertados limites do necessário e do possível. A sofisticada intervenção tecnocientífica em um meio não só natural como cultural, atravessado por atos de vontade e escolha apaixonada, é tão "humana" quanto a ética, com a qual, nesse pé, pode estabelecer "diálogo". Tudo isso, permeado pelo Direito construído em bases pluralistas e democráticas.

Bibliografia Recomendada

BERLINGUER, G. Ética da Saúde. HUC ITEC, S. Paulo, 1996.
BERLINGUER, G. & GARRAFA, V. O Mercado Humano. Estudo bioético da compra
e venda de partes do corpo. Editora UnB, Brasília, 2000 (2ª Ed.), 252 p.
ENGELHARDT Jr., H.T. Fundamentos da Bioética. Loyola, São Paulo, 1998, 518 p.

GARRAFA, v. & COSTA, S.I.F. (orgs.) A Bioética no Século XXI. Editora UnB,
Brasília, 2000, 160 p.

·BIOETHICAL CRITIQUE OF A FORETOLD BIRTH

Volnei Garrafa
President of Brazilian Society of Bioethics, Brasilia (Brazil)

ABSTRACT

Very few pieces of news created such convulsion in the international media like the birth of the sheep Dolly, announced by the New York Times, in advance of an article put out by Scotch researcher Ian Wilmuth and his team in the British magazine Nature on 27 February, 1997. The public at large was the one really surprised, since it was something foreseeable, a "foretold birth", at least for those who read about or work in the scientific world. This article will analyze the novelty of that event.

Key words: cloning, responsibility, bioethics, diversity

A coincidence that ought to be analyzed at the start is that animal cloning was carried out by means of a sheep, symbol of human redemption in Christian imagining. Many a time Christ referred to the "sheep" in the Gospels. The announcement of a new era, therefore, was made through Dolly, which had been operationally produced since July of 1996 in the University of Edinburg Laboratories, in Scotland. This generated contradictory reactions that went from sheer glorification of science to utter repulsion. Suddenly, cloning became a polarized point ranging from deification to devilment.

1. The Myth of Immortality

Adam was seduced by Eve – her being cloned by the Creator as of the cells of a rib from the former – to eat from the tree of wisdom, the one dealing with good and evil. Suddenly Adam rediscovered himself in all